

# POESIA DESCALÇA

Fique peixe, que a era é de AQUÁRIO!. VALMIR JORDÃO.

Nº 100 - Ano 07 - Recife, ano de 2006 - Distribuição gratuita

## MARIA VAI CASAR...

*Mulher, bem mulher;  
Putá, bem puta!*  
Anônimo

Maria veio ao bar da esquina  
Contar uma nova sobre sua vida.  
Antes, prevenida, passou no beco,  
Na pracinha, e nas cozinhas da rua,  
Para avisar primeiro às fofoqueiras de sempre.

Maria veio avisar que está noiva  
E vai casar com um capitão da polícia.  
Que não é mais a Maria Gasolina  
Que entrava no primeiro carro aventureiro  
Que surgisse na rua.

“Mudei, minha filha”, disse para uma vizinha  
Surpresa. O garçom olhou pra cara da gente,  
Sentada ao redor das mesas, e ria: “Quem, Maria?...”  
Os que descarregavam o caminhão de cerveja  
Faziam galhofa na calçada:

“Aquele capitão é velho pra Maria!...”  
“Aquele capitão não vai agüentar Maria!...”

Maria pediu licença, sentou ao meu lado,  
E me confirmou, decisiva: “Vou casar!”  
Escolheu para dizer a um homem sério,  
De distinção, embora eu tenha espalhados, por aí,  
Filhos de montão!

“Vai com Deus, Maria!... Boa Sorte!...”

Apesar do falar mal ser tão antigo  
Quanto uma conhecida e antiga profissão,  
Espero que as más línguas não apedrejem  
Nunca mais  
Nossa Maria.

## JOCA DE OLIVEIRA

(ianomangue@elogica.com.br)

## A SOLIDÃO E SUA PORTA

Quando mais nada resistir que valha  
a pena de viver e a dor de amar  
e quando nada mais interessar,  
(nem o torpor do sono que se espalha).

Quando, pelo desuso da navalha  
a barba livremente caminhar  
e até Deus em silêncio se afastar  
deixando-te sozinho na batalha

a arquitetar na sombra a despedida  
do mundo que te foi contraditório,  
lembra-te que afinal te resta a vida

com tudo que é insolvente e provisório  
e de que ainda tens uma saída:  
entrar no acaso e amar o transitório.

CARLOS PENA FILHO

## RADIOGRAFIA

Certos estranhos  
Pedaços de rua  
Habitam meu olhar.

A solidão sentada  
No colo das vovós  
Novelo de linha,  
Traçando o tempo  
Veloz das esquinas.

## MIRÓ

Segunda-feira morta  
No Recife antigo  
Passeio pelos  
Recônditos de minha  
Alma  
Deserta,  
Como este lugar.

## CARLOS MAIA

([losmaia@hotmail.com](mailto:losmaia@hotmail.com))



Lá estávamos nós dois  
E não havia luz  
Eu sentia teu corpo  
Tateava tua forma  
Tua curva  
Tua vulva  
Tua mão

Eu ouvia o  
Barulho  
De entrar  
E sair de você  
E de  
Repente  
A explosão  
De sementes, e flores, e folhas e  
Frutos, tudo morrendo  
Num saquinho plástico  
Em nome da VIDA.

## FRANÇA

(Agenda da Vida - 2005)

## ENCONTRO GRATIFICANTE

Encontrei Dom Hélder Câmara na Avenida Conde da Boa Vista  
E ganhei meu dia.  
Sabe lá o que é encontrar  
CAMINHANDO pela Conde da Boa Vista  
O velhinho Dom Hélder?!

Estavam os muros pichados e as paredes cheias de cartazes:  
“Quem pensa, muda”.  
Dom Hélder olhava aquilo tudo  
E pensava lá suas coisas.

Ver Dom Hélder com aquele medalhão  
E aquela bondade de doer na vista,  
É gratificante.

Onde cabe o coração infinito deste minúsculo homem?  
E que coração é este que, de tão grande, não sabe odiar???

Como pode voar este homem, com passos tão poucos?!

Ele é tão bom que transborda  
(por que o perseguem!?)...

Descrente, eu peço a um Deus qualquer  
(Tupã, Xangô, J.Cristo, Zeus...)  
Por este Dom Hélder Câmara,  
Por todos Hélderes que há nele,  
Peço o que os Deuses jamais dão aos mortais  
(dá a minha descrença),  
Peço eternidade para este homem,  
Porque tudo nele é grande e cresce.  
Porque, então, não infinitá-lo?

Peço por Dom Hélder que merece vida eterna,  
Peço por Dom Hélder que vela-me.

Lá ia Dom Hélder voacaminhando pela Conde da Boa Vista  
Naquele vinte de maio de 1982.  
Eram dez horas e lá ia Dom Hélder,  
Enquanto eu ganhava mais um dia,

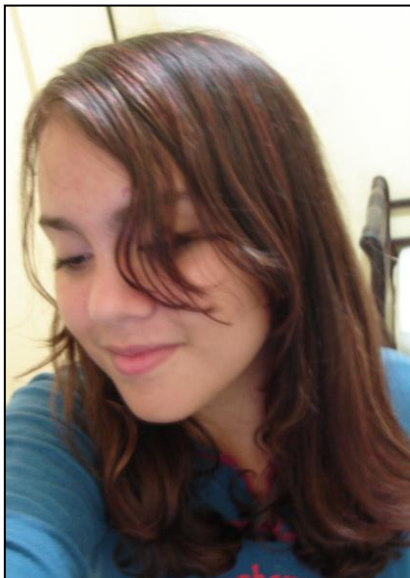
**WILSON VIEIRA**  
([jwvieira@br.inter.net](mailto:jwvieira@br.inter.net))  
Recife. 20.05.82

## DNA

Mirobaldo não entende  
De literatura.  
Ele nasceu poeta  
E destila emoções  
Sem teoria literária.  
Capta nuances ao redor  
E repassa seus filtros  
Com a sua metralhadora  
Instintiva.  
Teatral,  
A arte fervilha  
Nas suas performances  
E no seu desconcertante  
Jorro  
Quase-natural.

Leiam **SENHORAS**  
Do Santíssimo  
Feminino  
**MÁRCIA FRAZÃO**

**LARA in Escalpo** (Poemas)



A musa do centésimo número do PD é **Beatriz Melo**, ou, simplesmente, **Bia**. Menina da Boa Vista, Bia é filha da jornalista Catarina Nazaré. O doce encanto de Bia para os poetas, leitores e amantes da beleza. Deus existe, cambada!

#### ELEVADOR DE VIDRO

Quando a vida me chateia  
e a dor aumenta mais  
e a saudade se multiplica  
até no pão que mastigo.  
Eu, então, não desespero  
e, tranqüilamente triste,  
desço por um elevador de vidro,  
pois janela não foi feita  
para nenhum suicídio.

Poema creditado a  
**ZÉ MARIA DO NASCIMENTO**

#### MONDO BIZARRO

Nos enganamos  
C'os outros  
E conosco.  
Somos protótipos  
Esquisitos  
Da humanização.

Os recalques  
Vão aflorando  
Demonstrando  
Nosso despreparo  
Destemper.

Nos enganamos  
Com sombra  
E suor.  
Sobramos e  
Permanecemos.

**BRUNO CANDÉAS**  
(Férias do Gueto)

#### ATIRADOR DE FACAS

Arrancar as vendas  
e acompanhar,  
de olhos abertos,  
a trajetória do punhal,  
cravado em nosso corpo, em nosso peito,  
a cada amor desfeito.

#### LEILA MÍCCOLIS

#### GERAÇÃO

vivíamos no intestino do recife  
e o capibaribe  
era um prato de sonhos  
onde digeríamos versos

vai longe o tempo  
em que fuzis e baionetas  
poderia ser canto  
enternecido e libre

geração ácida  
que diluía a alma em álcool  
e fazia da redoma o copo

com certeza senhores  
vai longe, muito longe, o tempo  
em que tiramos o papel do limbo  
e cravamos o punhal no branco

#### CIDA PEDROSA

#### CARINHOS MATERNS (Galinha à Cabidela)

A mãe com seus cuidados de mãe:  
a fita vermelha demarcava a coxa e a sobrecoxa  
para o filho médico-residente; o peito macio era  
protegido por uma fita rosa, para a incipiente  
doutora em leis, e a preta, como uma tarja, um  
luto, enforcava pés, pescoço e costelas para o  
futuro poeta da família.

#### FRANCISCO ESPINHARA (Sangue ruim)

#### NATAL

Primeiro inventaram Deus  
À sua imagem e semelhança  
Criador da natureza  
Identificado com o mais forte

O teatro da humanidade  
Com papéis marcados

Proliferou-se  
E inventaram Jesus  
Pobre, de manjedoura  
Identificado com o mais fraco

Batina de papel de seda na chuva  
É cada moda!

**EUNÁPIO MÁRIO**  
in *Literadura*

#### O COLECIONADOR

*Pra Olívia D J & Sandra Lee*

As baratas apareciam sempre na boca da noite quando todos estavam dormindo.

Apareciam aos montes, milhares delas, negras e brilhantes, correndo pelo assoalho, subindo pelas paredes, tomando conta de todo o quarto. Ele não tinha medo delas. Gostava de calçar seus tênis novos e matá-las uma por uma.

Depois de matar todas elas, ele deitava na cama e fumava um cigarro atrás do outro, observando-as se transformarem em pequeninas borboletas coloridas.

Algumas delas escapavam pelas frestas das telhas, enquanto outras, muitas outras, entravam pelos seus ouvidos, narinas e boca.

**JORGE LOPES**

#### Leiam Eram Sete os Desertores, romance de MANOEL CARDOSO

VISITE OS SITES:  
[www.jocadeoliveira.com](http://www.jocadeoliveira.com)  
[www.interpoetica.com](http://www.interpoetica.com)  
[www.algumapoesia.com.br](http://www.algumapoesia.com.br)

Até a paranóia virou coisa normal, hoje em dia: paranóia ao ver policiais, paranóia ao ver bandidos, paranóia ao ver gente safada, paranóia ao ver gente sofrida, paranóia no ar, paranóia na terra, paranóia no mar. Paranóia é coisa normal, seu dotô!  
**BALA U**

#### ERMO

Meu amor  
Mora distante  
Num lugar branco  
De um céu cristal.

Um enorme véu lhe serve  
De teto  
E o grande arquiteto  
Colocou-o bem escondido.

Meu amor mora sozinho,  
Sem vizinho  
E ninguém pode chegar.

Mora vizinho  
A um lago de todas as cores  
E as flores  
São douradas  
Lá não passam estradas  
Ninguém nunca passou.

Quanta gente já tentou  
Olhá-lo  
Mas a bruma  
Que o mantém coberto  
Embaçou todas as visões.

Ninguém,  
Ninguém,  
De nenhuma cor,  
De nenhum sexo,  
De muita posse,  
Ou bem pobre  
Conseguiu  
Tocar no meu amor  
Esse meu filho estranho  
Que nunca saiu para brincar.

**VERÔNICA BRAYNER**  
(Liberdade vai na Poesia)

Recife e poesia: tudo a ver. Rua da Aurora, João Cabral e o Capibaribe, Castro Alves e a Praça Adolfo Cirne, Bandeira e a Rua da União, afora os múltiplos outros poetas, nativos ou não, do centro ou da periferia, que contribuíram para a formação de nossa gente e sua cultura.

Entretanto, apesar dos comentários de que poeta aqui é por metro quadrado, está sendo divulgada uma pesquisa da Unesco sobre a violência nas grandes cidades. Resultado: Recife é a cidade mais violenta do país. Esta, indiscutivelmente, é a grande razão pela qual o Poesia Descalça deve continuar.

Entendemos que não existe uma ponte melhor para que se busque da alma humana o entendimento e a compreensão. A violência nossa de todos os dias passa também pela nossa dificuldade em repassar a poesia que pretendemos e fazê-la ser vista como tão necessária quanto o pão. Um, alimento do corpo, a outra, alimento do espírito. Esta edição especial do PD – comemorando o seu centésimo número - pretende abrir um debate sobre a violência e o papel do poeta num mundo em que precisamos reconstruir as bases da nossa educação.

Agradecemos aos poetas Manoel Cardoso, Helena Ortiz e José de Melo entre outros, que nos enviaram mensagens de ânimo e para que não perdêssemos a perseverança. Parabéns ao poeta Joca de Oliveira pelos seus cinquenta anos de vida.

Queremos sempre colocar que o esforço com que nós fazemos este fanzine é compensado pela grande troca de informações poéticas que mantemos com outros obstinados: o pessoal do DE CARA, Bruno Candéas e Malungo, com a Helena Ortiz, do Panorama da Palavra, com Carlos Machado, do Poesia.Net, com Cida Pedrosa, da interpoética (Poetas na Rede) e tantos outros poetas e fanzines espalhados por todos os recantos deste país. É por vocês, também, que o PD deve continuar!

**BOLADOS BOLEIROS**

Novamente tudo azul, tudo “perfeito”.  
A camisa verde e amarela de novo.  
A boca banguela, o escudo no peito.  
Marcas famosas encham a barriga do povo.

Bandeiras “patrioticamente” vendidas.  
As cores correm ligeiras no gramado.  
Chuteiras matreiras chutando dinheiro.  
Esquemas manipulam  
Emoções sem cuidado.

Bocas sem nome  
Gritam “gol” nos bares,  
Gritam de fome nos lares;  
Bebem na taça os delírios da massa  
No título de milhões de dólares.

**MALUNGO**  
**(28.06.2002)**

poetamalungo@bol.com.br

**Leiam Ditirambo e Pinguelo (1995),  
romances de José Wilson Vieira**

**KIT-LEITURA**

**Pá  
Pa pé  
Pa pé pi  
Pa pé pi pi  
Pa pé pi pó  
Papepipó é  
Papepipó é Ásia  
Papépipó é azia  
Papépsi  
Papépsi (cola)  
Papepsi-qui-atra  
Pa pe pi pó pu**

**JOSÉ DE MELO**

**SAÍDA**

Lavo meus pés  
Não posso fazer nada  
As mãos já foram amputadas  
  
Não tenho cruz para cumprir  
Apenas olho o caixãozinho  
Que o homem carrega  
Por uma das ruas do cemitério  
Do Caju  
  
Não carece de mais  
O ex-menino  
O pai o leva debaixo do braço  
Único passeio feito juntos

**HELENA ORTIZ**

**TEMA**

Deliberadamente  
Utilizamos  
Todas as zonas erógenas  
Submissos  
  
Aos animais  
Que transitavam a pele  
Submissos  
À nossa disponibilidade  
Imerecida  
Sacudida  
Por buzinas  
Chuvas repentinas confundindo  
As marcas de um caminho já  
Percorrido

Deliberadamente  
Entre suor e grunhido  
Molhado  
O ritual foi cumprido  
  
Só então nos devolvemos

**EUNICE ARRUDA**  
**(RISCO poemas)**

**MADRUGADA NA RUA DO HOSPÍCIO** – Rua do Hospício de Castro Alves e dos Tobias, de tantos que continuam planando no vôo audaz do tempo, onde estou e vejo a atmosfera densa do paraíso. Recife dorme... e eu briso. **LUCIANO NUNES**

**NÃO SEI AGIR**

Eu sou uma criança  
Tenho pernas  
Mas não sei  
Para onde caminhar  
Tenho braços  
Mas não sei ainda usá-los  
Tenho mãos  
Mas não sei ainda afagar  
Por isso eu sofro  
Porque eu penso  
Mas não sei como agir  
Não sei como lutar

**PAULO SÓSTENES MONTEIRO** Ribeirão, 12.06.81

**ARROGANTES**

A arrogância dos ignorantes  
Bate tabela com a presunção  
E se julgando seres importantes  
Os atrevidos perdem a noção.  
  
Absorvidos pela emulação  
Da natureza destes tais bufantes  
E sua astúcia na provocação  
Nunca os deixam mais triunfantes.

E tudo existe para seu prazer  
Na fatuidade do seu proceder  
O mundo existe para lhe servir.

Mas seu veneno – sua ignorância  
Vai corroendo sua intolerância  
Até um dia não mais existir  
**ANACREONTE SORDANO**



**Dr. Palerma e Dona Galina**  
Desenho: Jorge Lopes    Texto: Joca de Oliveira

**A DESPEDIDA**

Minha gente inté domingo  
Tá mei dia, eu vô mimbora  
Quando a palesta é sadia  
Vexado se passa as hora  
Vocês fique cum Jesui  
Qu'eu com Nossa Sinhora

Onde eu moro? É bem ali...  
Adispoi de Zé do Prado  
Apareça quaiqué dia  
Mode cumê mi assado  
(Na roça já tem fêjão)  
Já cumi dois cunzinhado

Cuidado quando passá  
Im frente a casa de Dão  
Ele tem dois rabo fino  
Valente qui só o cão  
Mai se num fizer pantim  
Num avança im ninguém não

Imburaque na varêda  
Inté dá num descampado  
Donde se vê um ingém  
De fogo morto, coitado  
Passe mai quato casinha  
Que vocês vão vê a minha  
Num suvaco, assim, de lado

**TAUMATURGO DESIDÉRIO**

**CEM ANOS**

Existência secular  
De muita sabedoria  
Conquistada dia-a-dia  
No eterno labutar.

De honradez exemplar  
Sempre com muita energia  
Reina em sua moradia  
Sapiência singular.

Sua vida é uma historia  
De grandes feitos, de glória  
De caráter sem abalo.

Seus princípios são seus bens  
Assim dou meus parabéns  
Ao mestre Cabôco Paulo.

**JORGE FILÓ**

Árdua busca  
Do presente ideal...  
E tudo em vão  
Não a amasse tanto  
Seria bem mais fácil

**Raimundo Gadelha**



**AH, SAUDADE**

A dor da lembrança vem de supetão como um raio.  
Não espera nem mesmo a sombra dela.  
É como as primeiras faíscas do sol apressadas  
Para desvirginar a noite no colchão azul das nuvens  
Antes do apagar das luzes noturnas.  
Chega em vôos rasantes e deixa marcas profundas.

**ANTÔNIO MANOEL DA ROCHA**

**ACERTANDO NO BICHO (Histórias de Vó Nanaíra)**

Muito antes do surgimento das grandes filas nas casas lotéricas, onde a população, principalmente a pobre, se concentra, no começo da semana, para as apostas da Mega, da Sena e outros jogos, o jogo do bicho encantava a cabeça de muita gente que almejava enriquecer da noite pro dia, lá, na terra onde a gente morava. Não é só de hoje. Jogar no bicho é do tempo de Dom Pedro do Cipó-Pau. Meu primo, o Elias, corria, de engenho a engenho, naquela época, com cinco cadernetas de pules, cantando o povo das circunvizinhanças para apostar no bicho. Elias era esperto demais. Às vezes, passávamos dois três dias sem o resultado do jogo. De repente, lá vem Elias fazendo novas apostas. *Elias, e o resultado anterior? Deu cobra, deu macaco. Ninguém ganhou!* Mais tarde, já casado com uma prima, confessou: - *Teve dia que fiquei com o valor do prêmio.* Pouca gente reclamava. As distâncias favoreciam o malandro.

Quando fiz dezesseis anos, meu pai me entregou a um cidadão de outro engenho. Eu não queria. Sabia que muita gente casava mais cedo, porém, nunca me conformei com esse acordo. O homem era muito mais velho do que eu. Passei três meses sem falar com meu marido, depois do arranjado. O desejo de libertação vive em mim até hoje, já casada pela segunda vez, cheia de filhos e netos, e viúva do primeiro. O intuito era fugir, arranjar um dinheiro e me mandar pra São Paulo. Esse dia jamais veio. Mas que tentei, tentei. Eu era uma menina livre e cheia de vida, nunca iria me acostumar àquela prisão.

Naquele tempo, isolado de todos, vivia numa cabana, perto da beira do rio, um preto velho que, contava o povo, fazia adivinhação. Era José Virgílio. As pessoas diziam que ele adivinhava o bicho que iria premiar quem tivesse a coragem de caminhar com ele até uma certa encruzilhada, onde, por força de muita reza, o cidadão acabava vendo o bicho do próximo jogo. A vontade de jogar no bicho, ganhar muito dinheiro e fugir, me fez procurar o velho. *Dona Moça, seu marido e seu pai sabem disso? Meu marido vai consentir. Ele não tem coragem, mesmo!... Eu tenho!*

Com muita dificuldade, meu primeiro marido finalmente concordou que eu fosse com o preto velho até essa “bendita” encruzilhada. Contudo, me fez vestir roupa de homem, com chapéu e tudo, como disfarce. Meu cabelo, naquela época, chegava perto da bunda, e eu tive de enrolar e cobrir com um chapéu para que ninguém soubesse que era uma mulher. E assim foi que, perto do anoitecer, antes das seis horas da noite, José Virgílio começou a me orientar para o ritual. Ele iria à minha frente, quase dez metros de distância, com um livro preto nas mãos (não era a Bíblia, minha gente), e eu o acompanharia até o local determinado por ele, onde apareceria o bicho do jogo de amanhã. O homem tinha um rosário de rezas esquisitas, das quais eu só decifrei a *Salve, Rainha!* Saiu pelo caminho da floresta, passou por uma pinguela, seguiu, seguiu, seguiu (e eu atrás do homem), até quando começou a anoitecer. Pois não foi que, perto da encruzilhada, bem pertinho das seis horas, apareceu aquele vulto do tamanho de um urso, porém não era um urso. Estava embaixo da mangueira. Era um cachorro preto. Um bicho daquele tamanho eu jamais havia visto em minha vida. Depois disso, eu não lembro de mais nada. O povo disse que eu desmaiei e alguns trabalhadores dos engenhos que passavam por ali me trouxeram em casa.

Fiquei tão arrependida e pedi tanto a Deus que me perdoasse por aquele dia que, acredito, hoje, Ele já me redimiu. Ainda assim, por curiosidade, eu contei a Dona Alice e a Seu Raimundo, que sempre apostavam no bicho. Coisa pouca. Eu mesma fiz uma fezinha pequena, no dia posterior ao desmaio. Pois não é que deu cachorro na cabeça. Não tive coragem. Meu marido foi buscar o dinheiro do bicho premiado e se embebedou no barracão. Foi melhor assim. Gastou tudo com os amigos, e eu jamais reclamei esse dinheiro.

**JOCA DE OLIVEIRA**

**15. Corta-se a rota**  
 À borda do penhasco  
 O passo perde o movimento  
 A falésia, o vácuo, o mistério  
 Intercalam-se  
 Que haverá além desse corte  
 Na estrada?  
 Transitarão vôos, saltos, passos  
 Em direção à luz?  
 Surgirá em algum momento  
 O azul  
 A ancorar o dia?  
 Mãos, braços, beijos, cruzarão  
 O novo éter além?

Bombardear a selva da noite  
 É tão urgente

**16. São ditosos os que tiveram**  
 O percurso abreviado  
 Repousam em leito de água  
 E silêncio  
 Incorruptivelmente  
 Embalando-se em sonhos  
 Sempiternos  
 Sem correr o risco de que  
 Surgindo o outro dia  
 Ameçassem a transfusão da dor

Felizes estão os que dormem  
 No fundo do mar  
 Numa casa de aço  
 Nunca mais serão acordados  
 Não há mais perigo  
 Nem ensaios de tática  
 De matar

Num mundo incorpóreo  
 Num sono contínuo  
 Viverão heróis da própria história

**17. Já não existe bê-á-bá**  
 Nenhuma cartilha alfabetiza  
 A nova realidade  
 O ser há de conseguir o próprio aprendizado  
 Com topadas, câibras, sangramento  
 Sendo mestre, médico, enfermeiro  
 Sacerdote de si mesmo

Será grande o que se preservar  
 Incólume, no secreto de si  
 Ninguém mais o sintonizará  
 Captando qualquer bem perdido  
 Que transmita ondas de alegria  
 Nesse novo espaço  
 Será somente grande  
 O que se fizer imperceptível

**MANOEL CARDOSO**  
*(TRANSLÚCIDO SILÊNCIO)*

É muito melhor lançar-se à luta em  
 busca do triunfo, mesmo expondo-se ao  
 insucesso, do que formar fila com os  
 pobres de espírito, que nem gozam  
 muito nem sofrem muito, porque vivem  
 nessa penumbra cinzenta e que não  
 conhecem vitória nem derrota.

**FRANKLIN DELANO ROOSEVELT**

**Caricatura de Wellington  
 Pinto dos Santos sobre a  
 Política Nacional recente.**



**GINGKO BILOBA**

Garbosa venceste a destruição  
 Incêndios, terremotos, tempestades  
 Naquele dia fatídico de desolação  
 Quilos de bombas caindo pelo poder da maldade  
 Gingko Biloba vencia a Bomba Atômica com determinação  
 Onde de suas entranhas surgia o bálsamo da posteridade.

Bálsamo curador dos distúrbios e acidentes vasculares  
 Instrumento de defesa contra a Tissular Isquemia  
 Louvada seja a eficácia de tua terapêutica variedade  
 Onde, dentre os horrores, surgiste como terapia  
 Benigna substância em prol de toda a humanidade  
 Aterrorizaste, com teus galhos, e hedionda tirania.

N.A GINGKO BILOBA – Planta que surgiu dos escombros  
 provocados pelas bombas atômicas, no Japão, durante a 2ª  
 Guerra Mundial

**LUIZ DE FRANÇA (Reflexos Poéticos)**

Estas mulheres não são más mas têm as suas manias  
 Todas mesmo a mais feia fez sofrer o amante

**GUILLAUME APOLLINAIRE (Zona)**

**OS GRILLOS**

Grilos  
 Cantam  
 Cantos,  
 Soltam  
 Prantos.  
 Correm  
 Montes.  
 Pulam  
 Pontes.  
 Gritam  
 Forte  
 Numa  
 Noite  
 Muito  
 Negra.  
 Fazem  
 Tanto...  
 Os grilos

**ANTÔNIO OLÍVIO RAMOS**

<p><b>PÁTRIA E SONHO</b></p> <p>Quando me falam de país Com todo aquele sentimento nacionalista Com todo aquele ímpeto que só eles têm, Eu fico descrente Descontente Querendo sonhar. Não entendo de utopia Mas sei que outro dia Vai acontecer, Não entendo de país Mas ser feliz É desejo popular.</p> <p><b>XICO SÁ</b></p>	<p>Uma vaquinha na chuva, Uma camisa engomada, Uma sela bem bordada, Um rosário de viúva, Um caminhão de saúva, Uma princesa vadia, Uma mulata sadia, Uma dor de roedeira, Um cavalo na cocheira, Adeus, até outro dia!</p> <p><b>ZÉ LIMEIRA</b></p>	<p><b>POESIA DESCALÇA 100 - PÁGINA 6</b></p>
<p><b>EPITAFIO PARA LA TUMBA DE ADOLFO BÁEZ BONE</b></p> <p>Te mataron y no nos dijeron dónde enterraron tu cuerpo, Pero desde entonces todo el territorio nacional es tu sepulcro, O más bien: en cada plano del territorio nacional en que No está tu cuerpo, Tú resucitaste.</p> <p>!Creyeron que te mataban con una orden de fuego! Creyeron que te enterraban Y lo que hacían era enterrar una semilla.</p> <p><b>ERNESTO CARDENAL</b> (Poesía Política Nicaragüense)</p>		<p><b>O poeta MALUNGO lançou seu primeiro CD de poemas com voz do próprio autor. Você pode adquirir o seu na OFICINA DA MÚSICA ou através do e-mail poetamalungo@yahoo.com.br</b></p>
<p><b>ESSES MOÇOS NO PÓS-TUDO (trecho)</b></p> <p>Esses moços, nem tão pobres nem tão perversos moços, são – por hipótese fecunda – os meninos experimentais dos fins do século XX. Esses moços não têm compromissos de classe alta nem com o alto nível baixíssimo da miséria urbana ou do edifício-sede da Sudene. Esses moços teriam, muito menos, compromissos estéticos ou comprometimentos ideológicos. Ideologia enquanto <i>glossolalia</i>, eles querem uma infinitamente outra pra vestir, despir, comer, saborear, dançar, por cima das palavras ou por dentro das performances de Gê Domingues. Quem? Esses moços sempre musicais – para abreviar nossa desconversa ou conversa – flutuam, com feliz mansidão ou leve sofreguidão, nos tempos e espaços do pós- tudo. Mas esses moços – por incrível que pareça ou desapareçam - sabem o que querem. E lutam com prazer por isso. Pela arte como forma de vida no corpo e na obra, em ferocidade e possível felicidade. Outras, além dos catecismos. Se a geração dos anos 60 projetou todos os sonhos de militância no trânsito entre uma sociedade fechada e outra mais democratizadora, essa mesma geração foi sufocada pelo transe desesperador entre a poesia e a política.</p> <p><b>JOMARD MUNIZ DE BRITO (Outros Orfeus)</b></p>	<p><b>SEM TÍTULO IV</b> Por que perigo Esse corpo E seus poros d'água Essa voz na madrugada A seiva flor entre as pernas? <b>CELSONE MESQUITA</b></p>	<p><b>A VIDA NÃO CONHECIDA</b></p> <p>Ali ficava a noite, Escura e isolada. Todos viam... E se afastavam também Porque temiam... Ali não se sabia, Senão o escuro Que existia. O mais era somente Fantasia. Fantasmas, frio, solidão, Choro, degedo, dor, Ingratidão, Um longo sono, um nada, Uma calma-ria, Uma revolta sem fim, Uma agonia, Um desespero Açoitando A ventania. Tudo possível, enfim, Ali havia.</p> <p><b>CHICÃO (Pernambuco)</b></p>
<p><b>COMO NA ARGENTINA</b></p> <p>Não é fácil eliminar um corpo. Uma vida é fácil. Uma vida é cada vez mais fácil. Mas fica o corpo, como lixo. Um dos problemas desta civilização: o que fazer com o próprio lixo. As carcaças de automóveis, as latas de cerveja, os restos de matanças. O corpo bóia. O corpo vai dar na praia. O corpo brota da terra, como na Argentina. O que fazer com ele? O corpo é como o lixo atômico. Fica vivo. O corpo é como o plástico. Não desintegra. A carne apodrece e ficam os ossos. Forno crematório não resolve. Ficam os dentes, ficam as cinzas. Fica a memória. Ficam os parentes. Ficam as mães. Como na Argentina.</p> <p>Seria fácil se o corpo se extinguisse com a vida. A vida é um nada, acaba-se com a vida com um botão ou com uma agulha. Mas fica o corpo, como um estorvo. Os desaparecidos não desaparecem. Sempre há alguém sobrando, sempre há alguém cobrando. As valas comuns não são de confiança. A terra não aceita cadáver sem documento. Os corpos são devolvidos, mais cedo ou mais tarde. A terra é protocolar, não quer ninguém antes do tempo. A terra não quer ser cúmplice. Tapar os corpos com escombros não adianta. Sempre sobra um pé, ou uma mãe. Sempre há um bisbilhoteiro, sempre há um inconformado. Sempre há um vivo.</p> <p>Os corpos brotam do chão, como na Argentina. Corpo não é reciclável. Corpo não é reduzível. Dá para dissolver os corpos em ácido, mas não haveria ácido que chegasse para os assassinados do século. Valas mais fundas, mais escombros, nada adianta. Sempre sobra um dedo acusando. O corpo é como o nosso passado, não existe mais e não vai embora. Tentaram largar o corpo no meio do mar e não deu certo. O corpo bóia. O corpo volta. Tentaram forjar o protocolo – foi suicídio, estava fugindo – e o corpo desmentia tudo. O corpo incomoda. O corpo faz muito silêncio. Consciência não é biodegradável. Memória não apodrece. Ficam os dentes.</p> <p>Os meios de acabar com a vida sofisticam-se. Mas ainda não resolveram como acabar com o lixo. Os corpos brotam da terra, como na Argentina. Mais cedo ou mais tarde os mortos brotam da terra.</p> <p><b>LUIS FERNANDO VERÍSSIMO (A Mãe de Freud)</b></p>		<p><b>CÂNTICOS (XV)</b></p> <p>Não queiras ser. Não ambiciones. Não marques limites ao teu caminho. A Eternidade é muito longa. E dentro dela tu te moves, eterno. Sê o que vem e o que vai. Sem forma. Sem termo. Como uma grande luz difusa. Filha de nenhum sol.</p> <p><b>CECÍLIA MEIRELES</b></p>